

ARRUMAÇÃO DUMA FICHA

Entendo que só se deve responder a uma crítica quando ela contenha inexactidões que possam passar despercebidas ao leitor, por desconhecimento da obra criticada, ou porque o crítico tenha a habilidade necessária para fingir que tem razão. E' o caso da crítica de Mário Dionísio ao meu livrinho *A Poesia da Moderníssima Geração* nas colunas da *Seara Nova*, em que se refere também largamente ao opúsculo que publiquei antes, *O Problema do Romance Português Contemporâneo*. Como se sabe, Mário Dionísio não faz crítica literária, a não ser em raros momentos, e a maior parte das vezes por engano. (Veja-se a crítica ao livro *Adolescente*, de Eugénio de Andrade, *Seara Nova*, n.º 816). Faz crítica social a obras literárias, o que é diferente. Foi o que êle pretendeu fazer aos meus opúsculos, mas desta vez errou o alvo. Porque não se faz crítica, nem literária, nem social, nem de qualquer outra natureza, quando se citam textos [truncados e se chega, com o leitor menos atento, a conclusões que são as contrárias daquelas a que o autor pretendeu chegar.

A primeira afirmação falsa de Mário Dionísio, aliás facilmente verificável pela leitura do ensaio, é a de que *o autor pretende explicar, em especial, a razão de existência da atitude poética do «Novo Cancioneiro»*. O que o autor pretendeu foi explicar e justificar a atitude poética da moderníssima geração de poetas nos seus valores mais vivos, objectivo êste bem diferente do indicado.

Dou um salto grande, passo muitas coisas em claro (ao que parece Mário Dionísio pretende que quando se fale de poesia se faça um curso de História Universal, a partir do Génesis) e caio nas exclamações que o articulista das *Fichas* me atribue. Lá se encontra: «¿para que levar as coisas exagêro de concretizar êsses homens?» Eu nunca poderia *exclamar* isso porque nunca soube o que fôsse *concretizar homens*. Logo após: «¿para que levar as coisas ao exagêro de reduzir êsse meio a grupos...?» Também não poderia *exclamar* isso, porque não considero exagêro *reduzir o meio a grupos*, para me servir da terminologia dionisiana, tanto mais que no meu ensaio pondero o conceito de *grupo* e já no ensaio anterior, *O Problema do Romance Português Contemporâneo*, aceito a existência de grupos, como se verifica pelas duas transcrições do mesmo que vêm no artigo de Mário Dionísio, ao fim da página.

Pela primeira dessas transcrições verifica-se que a larga palpação humana das obras literárias não interessa a Mário Dionísio, mas apenas que os escritores sejam, através delas, bons intérpretes dos partidos, grupos e doutrinas que defendam, pois só assim poderão ser considerados como pertencentes, em carne e sangue, à sua classe (segundo um escritor citado), seja ela a dos trabalhadores, dos aristocratas ou dos banqueiros.

A outra transcrição vem truncada, para servir os fins de Mário Dionísio, que é apontar-me à execução pública (dum certo público), e neste caso induzir o leitor a crer que eu não quero que os escritores se misturem com a multidão, nem se preocupem com os interesses temporais. Quem

me lê sabe muito bem que eu não penso assim, e para o provar basta ler os artigos que Adolfo Casais Monteiro me dedicou no *Diário Popular*, minha magnífica defesa contra Mário Dionísio, como a *Ficha* de Mário Dionísio me defende eloqüentemente contra as afirmações do citado Casais Monteiro. A transcrição, para ser justa, seria assim:

«... o ambiente social deve influir poderosamente no romance, abrir nêle o sulco das preocupações de que é formado, *sem que a obra desça de nível. Basta para isso que o romancista, sendo homem do seu tempo, não seja o propagandista dum sistema; pertencendo a um grupo social, não faça o jôgo duma seita; vindo de alto os acidentes do terreno que formam o panorama da sua época, não se aproxime dêles a ponto de prejudicar a perspectiva.»*

Nego que o afirmar que alguém abraçando uma ideologia ou uma doutrina parta de idéias e conceitos para a concretização de idéias e de conceitos seja um ponto de vista idealista. Naturalmente que quem abraça uma ideologia ou uma doutrina, se o faz conscientemente, partiu de factos. Eu mesmo lá digo que se trata de uma *concepção da vida*, e as concepções da vida estribam-se em factos. Mas, para concretizar a sua ideologia, o ideólogo terá de partir de idéias e conceitos. As idéias, ou serão agentes entre factos e factos, ou não terão validade alguma. Bem sei que para Mário Dionísio os factos valem mais do que as idéias (veja-se uma sua crítica de há anos na *Seara*, sobre Mayakowski, se não me engano). Contudo, ai dos factos que não cheguem para gerar uma idéia!

Com outras transcrições Mário Dionísio apenas consegue fazer-me crer: 1.º que as personagens do romance neo-realista português (o operário, o ceifeiro, a criada de servir, etc.) se devem limitar a afirmar a sua consciência de classe, não necessitando vibrar como seres humanos; 2.º que todos os problemas humanos se devem converter em problemas económicos.

Há, porém, uma transcrição que, representa pelo menos uma distração que anula todo o valor, do artigo, porque demonstra a rapidez com que Mário Dionísio percorreu um dos folhetos, ávido de encontrar algo que servisse os seus fins. Como um dêsses quisera provar que eu sou um esteticista puro (que tal, Casais Monteiro?), êste bocadinho de ouro ficava a matar:

«¿Esta marcha do abstracto para o concreto — que, ao que me parece, começou com o naturalismo — ¿ não coincidirá com o afastamento dos objectivos puramente artísticos?»

Infelizmente a demonstração cai por terra quando se leiam afirmações que antecedem e que sucedem ao incriminado período. Quem tenha lido o ensaio em opúsculo ou nas páginas da *Seara* deve lembrar-se que todo êle tende a demonstrar que o romance não é obra de arte pura. Aqui se recordam uns trechos, pouco antes do citado por Mário Dionísio em que êste pretende provar que eu digo o contrário do que digo:

«¿Arte no romance? Sim, pode haver, deve haver arte no romance. Mas não se faz um ro-

mance com mira no deleite, na embriaguez estética, no deslumbramento ou no arrebatamento que em nós causam certas obras de arte. Por muito pouco que um romance interfira na resolução de conflitos ou na melhoria seja do que fôr, não se pode negar a influência da literatura romanesca na vida social dos países em que ela apresenta aspectos vivos.» «Ao-pé da música e da pintura, o romance não é, como arte, senão uma grosseira imitação da vida, com a agravante de buscar muitas vezes os aspectos menos belos. Ao-pé da poesia e do próprio drama, é uma tósca utilização da palavra como elemento artístico.»

Segue-se no opúsculo a transcrição dum trecho do crítico Casais Monteiro, em que êste constata «a sempre crescente necessidade, que desde a época romântica se vem manifestando, de realizar pela arte uma representação do homem cada vez menos abstracta, cada vez mais concreta.» É então que eu faço a interrogação aproveitada por Mário Dionísio para afirmar, a meu respeito, *uma dúvida muito contraproducente do concreto na arte.*

Dúvida contraproducente sôbre o concreto na arte pode extrair-se da sua citada crítica ao poeta Eugénio de Andrade, em que êle afirma que «a originalidade não se refere ao assunto, ou a certos exotismos exteriores, mas à maneira de *agarrar* a coisa e de *dá-la*...» (os sublinhados são de Mário Dionísio, note-se bem), para afirmar mais adiante que não se refere ao *assunto* do livro... «Como já tenho dito e me parece útil repetir, um mesmo *assunto* pode ser tratado por multidão de artistas sem que a sua frescura, originalidade, interêsse se percam. O problema começa na maneira de vê-lo (ou de senti-lo ou de pensá-lo) e de o concretizar artisticamente.»

Como se vê, certamente por engano ou esquecimento (embora afirme que o tem dito várias vezes), Mário Dionísio desdenha o *assunto* e entroniza a *maneira* como qualidade primacial na obra literária. ¿Quem é crítico formalista? ¿Onde estão as dúvidas sôbre o concreto na arte? Eu tenho pugnado pelo concreto na arte (leiam-se os artigos de Casais Monteiro a meu respeito) desde a minha mocidade literária, há quinze anos, em polémicas na revista *Cinéfilo*, uma delas com um sr. Mascarenhas, que depois, ao que me consta, se fêz crítico cinematográfico.

A transcrição seguinte, igualmente padecendo de distracção imperdoável, pretende provar, com palavras minhas, a *idéia de que os romances não devem ser portadores de idéias*. Ora eu não disse tal, muito embora o leitor menos atento, ou o crítico menos cuidadoso, possa tirar esta ilação. Em palavras anteriores eu previra uma interpretação que deturpasse o meu pensamento, desse as minhas palavras como *apologia do romance de tese, do romance que se limite a ilustrar as idéias do autor, a propagar as opiniões e teorias do autor*, apologia que eu não poderia fazer. (Não me lembrei de prever a interpretação em sentido contrário.) Em seguida escrevo:

«Ora, como ser vivente e convivente que é, o romancista, enquanto observador, não se limitará a copiar imagens como uma chapa fotográfica, ou a colhêr sons como um disco, nem, quando se tratar de exercer a sua imaginação, construirá figuras sem nexos, nem criará qualquer conflito que não assente numa base de realidade, de coerência e de continuidade com a vida... Evidentemente que as idéias, as opiniões, as teorias, não devem absorver a parcela de vida que há em cada romance. *Por demais está dito que a demonstração duma tese através duma obra literária constrange as per-*

sonagens dessa obra a sentimentos e atitudes pre-determinadas a um fim, o que lhes tira tôda a aparência de vida. Não pode, pois, ser meu intuito pretender que os romances devam ser, daqui por diante, portadores de idéias, propagadores de opiniões e demonstradores de teses. O que me parece é que, feitos por sêres inteligentes, que vivem numa época terrivelmente marcada por provações e vicissitudes sem conta, os romances do nosso tempo hão-de forçosamente, como obras significantes e vivas, reflectir os problemas de hoje, as idéias de hoje, tudo o que afecta a intelligência de hoje.»

A parte sublinhada é a transcrita por Mário Dionísio. Está bem à vista a intenção. Foram afastados todos os períodos que pudessem levar o leitor à convicção de que eu considero o romance como obra em que as idéias intervenham. Transformar um *não pode ser meu intuito pretender que os romances devam ser, daqui por diante, portadores de idéias, etc.* num *os romances não devem ser portadores de idéias, etc.*, é uma brincadeira de crianças para quem até aqui se mostrou tão hábil.

Também pela transcrição completa que fiz acima fica esclarecida a questão do *homem onvivente* e do artista, ou antes, do romancista. Quando digo que *as duas marchas para o concreto podem ser feitas paralelamente, mas importa que não se confundam*, tôda a gente bem intencionada percebe que a minha intenção está em que o romancista, quando político, não deve confundir a acção do romance com o ideário do seu partido ou a redacção dos artigos e parágrafos da legislação que lhe interesse aplicar. (De resto, tudo isto deve cheirar a heresia ao olfacto delicado de Mário Dionísio. Estou a juntar razões para êle me apontar à execução das massas).

Falta que Mário Dionísio prove que livros como *Energia* ou *As vinhas da ira*, e obras de Huxley ou Lawrence devem *obediência plena ao facto imediato ou ao momento próximo*. *Obediência plena, ou seja a simples tarefa de reconstituir o acontecimento vivido*, como se diz atrás, é coisa que não se encontra no Gladkov de *Cimento*, (não conheço *Energia*), nem em Steinbeck, Huxley ou Lawrence. Em todos estes autores há muitíssimo mais do que o servilismo ante o *facto imediato*, sem o que não seriam os grandes escritores que são. Podem pois os cabelos de Mário Dionísio conservar-se acamados, como de costume.

Para Mário Dionísio não é de atender o meu conceito de que *não pode haver duas ou mais representações legítimas do pensamento social dum período histórico*, pois pondera que *as há sempre numa sociedade não una, dependendo a sua legitimidade da camada a que diz respeito e da legitimidade dos interêsses dessa camada*. Mas ¿quem duvida da legitimidade dos interêsses dos capitalistas e dos banqueiros, e da legitimidade das camadas que êles representam? No melhor pano cai a nódoa. Na ânsia de desdizer o que eu digo, Mário Dionísio mostra um ecletismo e uma longanimidade bem longe da sua habitual estreiteza de vistas.

Tudo isto para avisar a *moderníssima geração* de que ela não pode aceitar os pontos de vista que eu lhe atribuo. Vejam lá, rapazes, no que é que vão cair! Olhem que êle está aqui está no esteticismo puro! ¿Não veem que a sua crítica é uma crítica formalista?

Entretanto, no *Diário Popular*, Casais Monteiro proclama que eu na arte só vejo o social.

Infelizes e ingratos esforços!